

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LADO B.B.

2 e 9 de outubro de 2026

HARLEY DAVIDSON / 1968

Um teledisco de François Reichenbach

Realização: François Reichenbach / Autoria da Letra da Canção Original: Jean-Max Rivière / Álbum: Brigitte Bardot Show, 1968 / Intérprete: Brigitte Bardot / Produção: Les Films du Quadrangle / Cópia: Digital, a cores, cantando em francês / Duração: 2 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

DEAR BRIGITTE / 1965

(Querida Brigitte)

Um filme de Henry Koster

Realização: Henry Koster / Argumento: Hal Kanter, baseado num romance de John Haase, Erasmus with Freckles / Produção: Fred Kohlmar, Henry Koster / Direção de Fotografia: Lucien Ballard / Montagem: Marjorie Fowler / Som: Alfred Bruzlin, Elmer Raguse / Assistência de Realização: Fred R. Simpson / Música: George Duning, Arthur Morton (chefe de orquestra) / Direção Artística: Malcolm Brown, Jack Martin Smith / Guarda-roupa: Moss Mabry / Interpretações: James Stewart (Professor Robert Leaf), Fabian (Kenneth ‘Kenny’ Taylor), Glynis Johns (Vina Leaf), Cindy Carol (Pandora ‘Panny’ Leaf), Bill Mumy (Erasmus ‘Ras’ Leaf), John Williams (Peregrine Upjohn), Jack Kruschen (Doctor Volker), Charles Robinson (George), Howard Freeman (Dean Sawyer), Jane Wald (Terry, mulher de George), Brigitte Bardot (não creditada) / Cópia: DCP, a cores, falado em inglês e em francês com legendagem eletrônica em português / Duração: 99 minutos / Estreia Mundial: 8 de janeiro de 1965, Estados Unidos / Estreia Nacional: 14 de junho de 1965, Tivoli, Lisboa / Primeira passagem na Cinemateca.

Duração total da projeção: 101 minutos.

Aviso: ao início desta sessão, projeta-se um “videoclipe-surpresa” identificado neste cabeçalho.

No ano em que **The Sound of Music** arrasou nas bilheteiras de todo o mundo, tinha uma passagem algo discreta pelo circuito comercial o mais recente filme assinado por Henry Koster. O realizador alemão, que se iniciou nas lides do cinema na mítica UFA, antes de se tornar um refugiado do nazismo, primeiro em França, depois na Hungria e, finalmente, nos Estados Unidos, juntava-se de novo a James Stewart, no que foi uma das colaborações mais consistentes na carreira do protagonista de **Mr. Smith Goes to Washington** (1939). O “casamento cinematográfico” começou com o filme mais celebrado desta associação ao dia de hoje: a insólita e enternecedora comédia **Harvey** (1950), em que Jimmy Stewart interpreta um homem bondoso mas considerado louco por amigos e vizinhos pela simples razão de que insiste em falar com um coelho gigante que só ele consegue ver. Daí para **Dear Brigitte** contam-se três filmes realizados em colaboração, sendo que o tom é consistentemente o mesmo: cómico e familiar.

Seja como for, ainda há qualquer coisa do protagonista de **Harvey** na personagem que Stewart interpreta aqui, na pele de um professor universitário de poesia inglesa um pouco “cabeça no ar” que abomina o rigor e a objetividade das ciências mais duras. O Professor Leaf ama os seus alunos e a família, mas nutre uma absoluta rejeição aos números, o que o leva a agir, muitas vezes, de maneira desproporcionada. É, como já acontecia em **Harvey**, alguém com um bom coração mas de muito particular e idiossincrática “visão do mundo”. O facto de o seu prodigioso filho, um rapaz de oito anos chamado Erasmus, ter infinitamente mais talento para a matemática do que para a música, para o desenho ou para a poesia vai representar uma viragem de 180 graus no mundo do Professor Leaf. A história, adaptada do romance de John Haase intitulado *Erasmus with Freckles*, reserva ao espectador um segredo bem guardado pelo pequeno génio: à noite, no seu quarto, Erasmus redige cartas endereçadas ao amor da sua vida, nada mais, nada menos do que Brigitte Bardot.

Além da presença da personagem do psicanalista (o “louco” Dr. Volker interpretado por Jack Kruschen), que tenta deslindar a mente da pobre criança, existe nesta história uma evidente conotação freudiana, na medida em que, a cada momento, vai a jogo a disputa entre a pulsão sexual mais quente e o racionalismo mais frio e mecânico. À medida que, aos olhos de todos, Erasmus é transformado numa espécie de computador humano, muito pré-ChatGPT, em relação ao qual cada um dos amigos, vizinhos e o próprio pai podem retirar algum tipo de proveito, subsiste e intensifica-se este “amor à distância” com a maior musa do cinema europeu à época. Em 1965, a carreira de Bardot atingira o seu pico de reconhecimento e adulação mundial. Havia realizado os principais filmes da sua filmografia e trabalhara com alguns dos maiores cineastas do seu país, tais como Jean-Luc Godard e Henri-Georges Clouzot. Lançara três álbuns, onde se contavam clássicos da música francesa tais como *La Madrague* e *Une Histoire De Plage* (Harley Davidson abre o álbum *Brigitte Bardot*, lançado no ano de 1968, o ponto de culminação desta faceta da sua carreira). À data faltava dar o salto para Hollywood, algo que timidamente se ensaia aqui, num *cameo* curto mas memorável, traduzindo-se num encontro há muito esperado pelo inusitado *pen pal*.

Após cruzar o oceano numa viagem de avião, Erasmus conhece a verdadeira Bardot. Mudo, “em choque”, recebe sorrisos, carícias, palavras doces, uma fotografia e um beijo. Segundo o ator Bill Mummy, que interpreta o petiz mais sortudo de 1965 e que nesse mesmo ano entrava na célebre série de televisão **Lost in Space**, o beijo que recebeu da superestrela europeia foi o primeiro que Bardot deu *on screen* num filme americano. Sabemos hoje que a carreira no país do Tio Sam não correu à altura das expectativas – uma das dificuldades era, como se atesta no *western* **Shalako** (1968), o domínio da língua inglesa, mas também é verdade que Bardot sempre terá assumido a sua carreira no cinema como uma atividade com um curto prazo de validade. A razão para tal também está no filme, na prenda mais especial que Erasmus recebeu das mãos de Bardot e que traduz bem o seu amor aos animais e, mais politicamente, à sua causa. **Dear Brigitte** assinala, em filme, o quanto B.B. fez suspirar espectadores tão jovens como Erasmus e o quanto, para lá de quaisquer limitações, o seu nome soava tão alto que, não autorizando a sua creditação no genérico, os produtores decidiram mudar o título, que até então coincidia com o do livro de Haase. O outro sinal da grandeza de Bardot diz respeito à própria presença de Jimmy Stewart nesse encontro: o ícone da velha Hollywood, que no mesmo ano lança um dos seus últimos grandes sucessos, **The Flight of the Phoenix** (1965), de Robert Aldrich, parece ficar tão emudecido e encavacado quanto o petiz tal é o impacto da visão da *belle étoile*.

Luís Mendonça